



Dor e Catarse na Poesia de André Giusti

Wilson Pereira

O Jornalista e escritor carioca André Giusti reside em Brasília desde 1998, onde vem construindo uma obra de inegável valor literário. Primeiro como contista, gênero em que publicou alguns livros, entre os quais: *A Maturidade Angustada*, *A Solidão do Livro Emprestado* e *A Liberdade é amarela e conversível*. Mais recentemente vem ele incursi-onando também pela poesia, com a publicação dos livros *Os Filmes em que Morremos de Amor* (Editora Patuá, 2016) e *De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia* (Editora Penalux, São Paulo, 2021).

Este último traz título um tanto prosaico, o que parece proposital, porque bem adequado ao conteúdo da maioria dos poemas e, também, pelo impacto que causa, no sentido de destituir a poesia de uma certa aura de sublimação e de subjetividade afetada, que predominou na poesia tradicional e bem-comportada pelos séculos dos séculos e ainda, na atualidade, estampa muitas capas de livros de poemas. E é de se notar que é retirado (o título) de um pequeno poema (sem título, p. 57):

“De tanto/andar a esmo, / a distância/fica curta. /De tanto/ bater com o osso, / a dor /vira/ anestesia”.

A poesia de André Giusti nada tem de transcendental, de filosofias etéreas ou de elucubrações metafísicas. Ao contrário, está inserida na realidade imanente, no chão árido do cotidiano. É aí que o poeta busca seus temas e sua expressão de resistência, de inconformismo, de uma rebeldia incomodada com o *status quo* social, político e econômico ou com a mediocridade das relações humanas ou, ainda, com a própria superficialidade de tantos momentos da vida. Poesia nervosa, contundente, mas que nada tem em comum com o discurso de ódio que surgiu no Brasil recentemente e que inunda as mídias sociais de imprecações e ofensas. Poesia de confrontação, de indagação e denúncia que mostra, às vezes, as fraturas expostas dos nossos dias, resultado do em-

bate contra um Poder avassalador que domina os homens e dita sua conduta. É o que se nota, por exemplo, no poema “Corporation Trade Center” (p.22), do qual transcrevemos apenas alguns versos:

“Qual o prêmio pela minha cabeça? / (...). Quanto vale a minha cabeça/ na cotação do maquiavelismo deles? / Quanto vale um reles cara do povo/ ser visto entrando derrotado/ na jaula das cobras? // (...) Quem paga mais para soprar mais forte/ a única vela que terei comigo/ para tentar vencer a escuridão?”

Esta vela do poema acima é uma interessante metáfora para a poesia, única forma talvez que o autor tem de tentar ser útil, de expressar sua dor individual diante das injustiças, das falsas informações e das ilusões que nos impõe ou nos vende o mundo moderno, mormente o mundo hodierno e odiado. E a expressão da dor é catarse e, de certa forma, anestesia a alma.

E o poeta diz:

“Não jogue na minha cara/ Em modo de sermão/ Que meu lamento é egoísta/ Porque posso ficar em casa/ E não tenho de enfrentar filas/ Encarar condução. // Eu não preciso me sentir culpado/ Sou apenas um cara normal/ Enfastiado das manchetes/ Querendo sumir com pratos e talheres/ e que todas as noites sonha que tá/ Perto de matar o presidente/ Mas sempre acorda antes do final” (do poema “Corona Classe Média Blues” pp. 79/80).

A ironia, recurso empregado pelo autor com frequência, está explícita no poema “Brasília” (p. 89):

Nos palácios e tribunais
homens de carne e osso
(apenas de carne e osso)
passam falam
nos olham por cima
(como se fossem imortais).

A voz crítica, a ironia impiedosa alveja até mesmo o poeta metido a besta, sofisticado, cheio de empáfia, no poema O “Gênio da Raça”, p. 59, do qual citamos apenas os primeiros versos:

Uau
Esse poeta deve ser genial:

Ninguém entende nada do que ele escreve.

Ele deve ser fantástico.

Em cada frase

Três palavras que ninguém conhece.

Jornalista profissional e atuante, André Giusti está atento aos fatos que mobilizam a imprensa no dia a dia, de onde certamente lhe vem o agudo espírito crítico que permeia sua poesia, mas espírito esse filtrado pela sensibilidade poética e dosado pelo ritmo e a concisão, que formatam o poema e lhe dão o teor de poeticidade. Peça comovedora, pela denúncia da injustiça social e pela sátira à religião, é o “Poema de natal, páscoa e domingos de missa e culto” (pp. 52 a 54). Como não dá para transcrever todo o texto, por causa do exíguo espaço para publicação de uma resenha, fica o leitor com esses versos:

“Jesus hoje não conseguiu engraxar todos os sapatos/ que precisava/ não vendeu pano de prato o bastante nem para voltar para casa/ / Jesus perdeu a perna na linha do trem/ tá pelo INSS mas o dinheiro não dá/ pro gás prum quilo de arroz/ lata de óleo pacote de macarrão. // (...)// esperavam ver Jesus no templo iluminado/ de mármore cara de pastor de anel de pedra// na igreja cheia de santo branco e louro/ no palavrório da palestra no centro espírita/ mas Jesus não apareceu por lá (...)”.

No entanto, nem só com desalento e indignação se pauta sua poesia. O amor é um dos temas enfocados neste livro. Mas o amor aqui surge numa perspectiva distinta, sem pieguice, sem romantismo ou arroubos sentimentais. É a expressão de um encontro, ou de um desencontro; de um encanto ou de um desencanto, mas amor pé no chão, corpo a corpo, amor sem mitificação.

A poesia do autor afina-se com o que de melhor se tem produzido no gênero, atualmente, no Brasil. Traz algumas características que soam como ecos da chamada Poesia Marginal, como o emprego de expressões coloquiais, o uso, algumas vezes, do palavrão e a crítica ácida a instituições e comportamentos. Mas o poeta sabe dosar esses elementos e empregá-los de forma bem ajustada aos contextos em que

De tanto
bater
com o
osso,
a dor vira
anestesia

André Giusti

são inseridos, sem pender para o deboche, nem para a inconsequente defesa de bandeiras de qualquer ordem. E não cai na facilidade dos trocadilhos ou do poema-piada. Antes, consegue extrair efeitos semânticos inusitados que dão consistência poética aos seus versos.

O lirismo, embora pouco frequente no livro, também aparece, como no bem-sucedido “Poema de pequenas causas” (p. 15): do qual transcrevo alguns versos:

“A chuva nos chama da calçada/ com a voz perdida de mãe/ querendo saber se levamos casaco. // Quando chove/ alguém dentro de mim/ me chama do aguaceiro / (...) E tudo é assim mesmo nessa vida: / belo e triste feito a beleza e a tristeza/ das moças encantadas dos subúrbios antigos, / que perderam a vida toda nas janelas/ sepultando lágrimas em ti, minha chuva em flor.”

De Tanto bater com o osso a dor vira anestesia é um livro de poesia instigante, poesia incisiva, cortante que, a propósito, se inicia com o poema “Navalha” (p.11):

“Cada dia que amanhece/ é o corte de uma navalha. / Queira Deus que eu me valha/ de todo esse sangue/ empapado nos meus pés”.

Portanto poesia que, antes de anestesiá-la, provoca dor, porque, com seus gumes afiados, vem para ferir e incomodar os acomodados.

Wilson Pereira é poeta, contista, ensaísta e autor de livros infantis e juvenis, com 18 livros publicados.



O Vinho

Raymundo Farias de Oliveira

Ah o vinho!
Quando chega à mesa
traz a história comovente de sua vida
o carinho recebido de tantas mãos
sua relação filial com a uva
a terra o sol a lua a chuva
o orvalho a colheita...
a festa da colheita e o nascimento do vinho!
a bíblia nos conta aquele episódio
das bodas de Caná – o primeiro milagre de Jesus
e ainda no mesmo livro santo
ficamos sabendo daquele vinho servido
no último jantar do filho de Deus
com seus apóstolos – inclusive o traidor...
o afago de tantos olhares extasiados
o espanto com a saga do vinho
na comovente história do cristianismo!
agora – acreditem – a taça aqui
na minha mesa aguardando pacientemente
o primeiro gole para inundar
meu coração de alegria e para suavizar
os dias sombrios que estamos vivendo...
é o vinho na sua dimensão consoladora

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de *Sob o Céu de Jerusalém*, *Poemas da Madrugada*, entre outras obras.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Os semeadores

Evaldo Balbino

No início de março de 2020, pouco antes de estourar no Brasil a pandemia da Covid-19, estive num evento literário em Fortaleza. Pude conhecer escritores e agitadores culturais de diferentes pontos do país. Foram palestras e trocas literárias, convívio saudável durante uns quatro dias na capital do Ceará. Terra quente e acolhedora respirando cultura. Terra de Iracema e de José de Alencar. Amizades brotaram dessa terra tamanha.

No evento, conheci a escritora pernambucana Ivanilde Moraes de Gusmão. Mulher vivida nos seus 78 anos à época. Hoje está com 80 anos. Com luta e longo caminho, ela se formou academicamente e agora, depois de aposentada, vem espalhando sua escrita por livros seus e por antologias. Professora aposentada, advogada e escritora, Ivanilde é estudiosa da obra de Karl Marx e da literatura. É membro de academias de letras.

Desde então venho mantendo contato com ela pelas redes sociais, especificamente pelo WhatsApp e pelo Facebook, e muito me alegro em ver seus trabalhos caminhando pelas antologias, pela latitudes, pois a autora publica também fora do nosso país. Fico feliz mesmo, de uma espontânea felicidade em ver tanta energia em prol da cultura, da humanidade. É ela mesma quem diz convictamente que vamos espalhando nossa semente de humanidade. E manifesta o desejo ardoroso de que essa semente encontre terrenos férteis e neles germine.

A despeito das dificuldades de se chegar a um grande público, pois infelizmente a grande maioria das pessoas não passa constantemente pela dádiva dos mananciais literários (de certos mananciais, é claro) ou passa muito pouco ou quase nada, penso com a autora que sim, que com certeza as sementes que lançamos encontram seu lócus, o seu terreno fértil, para frutificar e com abundância. Se sonhamos com o semear e nele persistimos, podemos sim alimentar o desejo de que algum dia nossas sementes possam germinar em terrenos áridos ou nas frestas das pedras.

Lembro sempre o "Sermão da Sexagésima" do Padre Antônio Vieira, em que o orador parafraseia e analisa a parábola bíblica do semeador e expande os sentidos dessa

passagem da história sagrada cristã. Vou, pois, além de Cristo e de Vieira, e sonho alto, bem alto, porque acredito e porque desejo: todas as sementes podem germinar. Elas podem ficar tempos e tempos nas rachaduras das pedras... mas um dia despontarão brotos firmes e fortes, aqui e acolá, e as plantatinhas, ainda que humildes e tímidas, irão buscando luz e clareando o mundo. Não foi outro o desejo da poeta Florbela Espanca quando escreveu: "Sonho que um verso meu tem clareza / Para encher todo o mundo!..."

Eis a luz advinda dos gestos de leitura e de escrita. Creio nisso, sem vacilos. E também creio em outros gestos que contribuem para a leitura e a escrita. Muitos gestos.

Hoje, por exemplo, recebi um vídeo da poeta, agitadora cultura e performer de poesia, Rosani Abou Adal. Um pequeno vídeo nos mostrando Gulljan, uma mulher carregando livros pelas ruas de Cabul, no Afeganistão, e os vendendo a quem interessar possam. Carregando-os nos braços, sem carrinho ou qualquer veículo para facilitar o transporte. Mulher simples do povo, nitidamente enfrentadora de dificuldades na sobrevivência. Apesar do medo da repressão do regime Talibã, ela sai de casa pelas noites e se põe a vender os seus livros. Mesmo vendo cada segundo como assustador, ela insiste. Sendo uma das poucas mulheres trabalhando fora de casa desde que o Talibã tomou o poder, a vendedora diz trabalhar para arcar com as necessidades financeiras, mas também reconhece a importância do seu gesto para o seu país: uma terra tão necessitada de livros. Aceita em alguns lugares, noutros rejeitada, prossegue na sua luta noturna para sobreviver e levar luz para as pessoas. Mesmo que isso já lhe tenha sido motivo para ser ameaçada diversas vezes pelo regime, atua contra a exigência de que ela venda somente livros islâmicos, afronta o Talibã e avança, oferecendo também livros outros, outras possibilidades aos leitores que as desejam. Vende romances, esses textos perigosos para todo poder autoritário.

A leitura, de fato, desfaz amarras. E o gesto dessa mulher nos mostra que não é só escrevendo e lendo que se semeia. Há muitos modos de semeadura.

Evaldo Balbino é professor da Universidade Federal de Minas Gerais. evaldo_balbino@yahoo.com.br



CASA MÁRIO DE ANDRADE

Raquel Naveira

Entrei com uma pasta cheia de livros no elevador. Uma senhora de cabelos castanhos e óculos dourados cumprimentou-me sorrindo:

- Vai dar aulas?
- Sim, uma oficina poética na Casa Mário de Andrade.

- Na rua Lopes Chaves?
- Isso.

- Morei na rua Margarida, fui vizinha de Mário de Andrade. Minha mãe era amiga de Dona Maria Luísa, a mãe de Mário. Costurava roupas para ela. Muitas vezes, eu era uma menina de uns sete ou oito anos, eu o via tocando piano ou debruçado na janela observando a brincadeira da criançada.

O elevador se abriu e nos despedimos. Reconheci que ela, por trás do sorriso e dos óculos dourados, tinha uma experiência maior que a minha de vida, de São Paulo e de Mário de Andrade, malgrado o peso de minha pasta cheia de livros.

Que emoção pisar na casa de Mário, naquele canto da rua Lopes Chaves. Um sobrado simples, de cômodos grandes e arejados. Não é um museu. Das coisas de Mário, restaram o piano preto, alguns livros numa estante e um antigo armário de xícaras e louças na cozinha, onde ele certamente guardava um doce de calda e um vinho econômico. Na principal sala de aula, uma fotografia enorme do grupo que participou da Semana de Arte Moderna: Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Murilo Araújo, Paulo Prado, Graça Aranha, Victor Brecheret e o jovem Mário, que se tornaria o líder dessa revolução artística.

Os alunos me aguardavam no andar superior, no quarto que pertencera a Mário. Fecho os olhos e posso vê-lo: alto, queixo enorme, de robe de chambre de seda, sentado junto à escrivaninha, à luz do abajur, sempre lendo, pesquisando, escrevendo cartas que enviava a intelectuais de todo país. Sobre a escrivaninha, a máquina de escrever, que ele chamava de "Manuela", em homenagem ao poeta Manuel Bandeira; as laudas de papel em bran-

co que depois tomaram forma de livros como *Pauliceia Desvairada*, esse canto cruel, concebido entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, buzinas de automóveis e fagulhas de bonde.

O ambiente da casa de estudos hoje é tão despojado, mas sei que essas paredes eram cobertas de quadros como o "Homem Amarelo" comprado naquela célebre exposição de Anita Malfatti, que revelou para ele uma transformação radical de conceitos. Que admiração tinha Mário por essa artista cheia de paixão e arrebatamento, que pintava a ventania, a chuva, a neblina, os faróis e as cabanas de pescadores em telas e mais telas, num turbilhão estranho de cores e formas. Talvez ela o tenha amado secretamente. Um amor não corrompido e sublimado.

Pensar que nessas salas aconteceram reuniões, debates, polêmicas sobre o futurismo, essa ânsia de esfregar velhos moldes literários e arejar o pensamento. Que aqui Mário ora tocava músicas para os amigos, ora lia poemas, ora comentava trechos de seus romances, como *Macunaima*, o herói brasileiro sem nenhum caráter, o anti-herói, o resultado da miscigenação de várias etnias e culturas.

Debaixo desse teto, Mário envelheceu e viu tudo explodir: políticas, guerras, ditaduras, amizades profundas, casamentos de artistas. Como devem ter doído o rompimento com Oswald de Andrade por discordâncias em questões estéticas e morais e os gritos do povo na rua: Getúlio, Getúlio! Como deve ter sofrido ao perceber que não mais fazia sentido a sede destrutiva da Semana de Arte Moderna.

Depois de um período trabalhando no Departamento Municipal de Cultura, onde criou bibliotecas e discotecas, restaurou documentos, fez o levantamento do patrimônio histórico paulista, Mário enfrentou na rampa dos cinquenta anos um tempo triste, crepuscular, onde



escreveu versos como estes: "Nesta rua Lopes Chaves/ envelheço, e envergonhado/ nem sei quem foi Lopes Chaves.// Mamãe me dá essa lua,/ ser esquecido e ignorado/ Como esses nomes de rua."

Terminada a aula, ao descer a escada de madeira rangente, lembrei que foi ali que Mário, num domingo distante, sentiu uma dor no peito e tombou. À noite, um segundo ataque de angina foi fatal. Esgotaram-se as forças desse guerreiro, proletário da inteligência.

Amanhã, se eu encontrar de novo aquela senhora de cabelos castanhos e óculos dourados, vizinha de Mário, poderei lhe dizer que ainda há afeto familiar, modéstia e bondade, naquela casa da rua Lopes Chaves.

Raquel Naveira é escritora, cronista, poeta e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.

O rio de Heráclito

Isabel Furini

A dança do tempo
dos ciclos, da vida...
a maçã mordida
o copo quebrado
a xícara vazia

os anos passam
e a alma ferida
os sonhos oxida

o riso e a ausência
chega a velhice
é a permanência

mais um passo
e o tempo devorará
os sonhos e os ossos

já falou o filósofo
"somos e não somos"
somos as águas do rio
a dança do tempo
e o sonho da vida
- além do rio de Heráclito
nada somos

Isabel Furini é escritora, palestrante, educadora, editora, membro da Academia de Letras do Brasil (PR) e Consulesa da Academia Poética Brasileira.

BEIJO

Amaryllis Schloenbach

Brisa mansa
estremece
a rama de meus nervos.

Amaryllis Schloenbach é poeta, escritora, cronista, tradutora, jornalista e advogada.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional.

Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr**



as cores do poeta

(para Thiago de Mello)

Newman Ribeiro Simões

o poeta
o oficiante
o feiticeiro
no ritual das bênçãos
das coisas profanadas
eleva
(como hóstias litúrgicas)
palavras promotoras de milagres,
plantando, na escuridão,
uma semente de fogo
para que o Homem tenha
direito a árvores, rios e passarinhos

a linda lenda
da Mãe d'Água
doce amor
do mar doce
acalma tua alma
na alma calma do Amazonas

um perfume de rios
e de florestas úmidas
inunda tua alma
e transbordam, em versos,
vozes com asas e raízes
numa lição vegetal
feita de poesia.

sons verdes e azuis
encham tua boca de poeta
pois tua alma
carrega cores
das matas,
dos rios,
das araras

trazes em ti
todas as cores de que,
em mistura,
se faz o branco de tuas vestes,
úmidas de paz,
tingidas de canções indígenas
e de sons de ventos carinhando buritis
e, na brancura
dos cabelos,
das vestes soltas,
da alma pura e
do sonho utópico de uma justiça justa,
teu canto não deixou a liberdade
esmorecer em pleno voo

Thiago,
qual a espessura
desse tempo
que te envolve?

Newman Ribeiro Simões é escritor, poeta, professor, engenheiro Agrônomo e mestre em Estatística pela ESALQ-USP.

ABRINDO VAGENS

Lucinda Persona

Não será extravagância
(à beira da pia)
rever a vida
através do legume
que já está morto?

Ó inutilidade
Por amor do teu nome
suavizo labores
Poemas nunca serão demais
Haverá sempre o lugar certo
para cada um e suas palavras
como se não houvesse erro
e a alegria fosse possível
Nada se faz no mundo
sem que haja motivo
Quem chora entre um minuto e outro
abrindo o ventre das vagens
para a vida o faz.

In: Tempo Comum, 7Letras, 2009.

Lucinda Persona é escritora, poeta, professora, bióloga e mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ.

O Confisco

Rosani Abou Adal

Um tiro certeiro na menina,
outro na grávida lanomâmi.
Suas terras roubadas
para a extração do aço e minérios,
para alojar o garimpo ilegal.
O trabalho escravo sem descanso.
A devastação da floresta, dos seus povos.
Vários tiros são disparados
e matam famílias de macacos
para o confisco dos seus lares.
O mercúrio no leite do rio
invadindo margens, meandros,
confluências, foz, o mar.
Peixes se debatem até o último respirar.
O câncer devastando vidas
com os efeitos causados pelo azougue.
O ouro no pescoço da mulher do pastor
satisfeita com seu objeto de desejo.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

Barreirinha

José Eduardo Mendes Camargo

Serenata de chuva me desperta.
Nela descubro a orquestra dos aromas.
Aqui amanheço, janelas abertas,
Banhado de ternura e alegria

Os galos que fugiram de Dois Córregos
A Barreirinha chegam-me trazendo
No seu cântico a dádiva de nova aurora.

Ainda nem parti e já sinto saudades
Dos momentos de beleza e harmonia
Gravados na alma e no coração.

Resgato a poesia adormecida.
Levo na aquarela Manduka,
Luzes de Thiago e Aparecida.

José Eduardo Mendes Camargo é escritor, poeta, professor e presidente do Instituto Usina de Sonhos.



Thiago de Mello
Improviso
de luz

Ficou mais clara a manhã
que ensina o chão do meu dia.
Ficou mais doce a canção
da vida em meu coração.
Ficou mais feliz o vento
varrendo o pulso das águas
misteriosas do Andaraí.
Ficou de todas as cores
o verde da acapirama
que abraça a minha casa.
Um arco-íris delirou
o perfil da Aparecida.
E ficou mais leve o fardo
do tempo na minha fronte
com a chegada à floresta
da luz da amor e poesia
de um irmão: José Eduardo.

Por isso mando cantando
pra Teca, Bia e Carol
minha ternura amazônica
e vere flor feita de sol.

Thiago de Mello
junho
2001

Rua de Fronte, Recanto do Ramo
Recrutados, Jussara 08/05/2002



MERGULHO EM TERRA ESTRANHA

Ronaldo Cagiano

Entre as sutilezas da sofisticação de uma linguagem refinada e poética e a temática da memória, do passado e da identidade que constituem o escopo de “Mundos de uma noite só” (Ed. Faria e Silva, SP, 2021), o romance de estreia de Renata Belmonte percorre os entretempos e lacunas da vida de uma personagem em busca de sua história. Mergulhando nos insondáveis territórios de uma família, em cujos escaninhos afetivos e labirintos psicológicos vão se desvelando cenários e ocorrências, incursiona pelos meandros de três gerações, cujas existências emaranham-se entre cicatrizes, dilemas e ambiguidades.

Autora de três livros de contos (*Femininamente, O que não pode ser* e *Vestígios da Senhorita B*) e vencedora dos prêmios Braskem de Literatura - 2003 e Arte e Cultura Banco Capital - 2006, Renata Belmonte é advogada e doutora em Letras pela FGV – Fundação Getúlio Vargas. Apresenta-nos um romance impactante e que culmina numa narrativa fragmentária e híbrida, que funde memória, invenção, registros e relatos em que o intimismo jamais se desvia para o um tom confessional piegas ou um viés autoindulgente, mas o ilumina com a contundência de um realismo denso e crucial.

A partir de informações deixadas pela mãe da protagonista em um livro encontrado por acaso, Belmonte aciona o gatilho dessa intensa narrativa que se desenvolve em dois planos. Como numa sequência de palimpsestos, cata-pulta-nos para um cenário em que a experiência feminina dá as pistas para os dilemas e angústias de uma trajetória familiar profundamente enraizada em seus conflitos e enigmas.

Com a voz de uma mulher a des(a)fiar o fio de Ariadne de um tempo esconso, “Mundos de uma noite só” entrecruza-se com “uma valsa para o esquecimento”, em que os recursos utilizados pela autora mesclam-se numa poderosa carga semântica e força polifô-

nica para garimpar, no aluvião de mistérios e fantasmas, o que está obscuro sob a nuvem das aparências e vai atravessar e marcar com suas cicatrizes as gerações dos Menezes Grimaldi.

Para além dos acontecimentos e fragilidades de um núcleo familiar burguês, autoritário e patriarcal abordados pela trama, paralelamente ao enredo percorre-se também a história recente do país, com seus confrontos e mazelas, um indício metafórico de nossa própria realidade social, histórica, política e claustrofóbica, que também carrega seus desvios e paradoxos.

Na construção do romance, há uma perícia de ourives a delinear todo o conjunto, tanto pela percepção da meticulosa costura formal, quanto pelo deflagrar de uma linguagem arrebatadora e pontuada pela intertextualidade (Camus, Clarice, Beauvoir são referências e amálgamas conceituais do livro) conectada pelo fluxo de memória e de consciência, conferindo ao conjunto uma inegável riqueza plástica. Uma história não basta ser contada, impõe-se saber contá-la e é nesse particular que a autora se diferencia da prosa requentada tão em prosa na literatura contemporânea brasileira, em que o escritor vale mais pelo contexto e pelas pautas, do que pelo texto e sua potência. Vale lembrar o que disse Roland Barthes, o que corrobora toda a escrita desse livro: “A linguagem é como uma pele: com ela eu contacto os outros. (...) Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz.

A casa em que as mulheres jamais apareciam nas “fotografias com homens”, este sepulcro de tantos segredos e nuances (aquilo que a pátina do tempo mascara ou **camufla**) é o **leitmotiv** do trânsito da autora pela subjetividade e tocar nessas feridas tão subjacentes e atávicas a famílias em qualquer lugar do mundo, pois são da natureza humana em todas as suas pequenez ou dimensão. A filha, a mãe e Lágrima são as três mulheres apartadas vivendo em um espaço misógino, de aparências a escon-



divulgação

der outros mundos sem claridade, mas que estão imbricadas na tentativa de desvendar, sob a poeira do tempo que tatua os retratos, as suas próprias existências e destinos, como uma esfinge a desafialas.

Mundos de uma noite só, na linha de um romance de formação, dialoga com a pungência de *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, tipificando o romance-rio, narrativa em cujo caudal carrega os afluentes de experiências existenciais múltiplas, que se concatenam num ambiente familiar com protagonistas premidos por circunstâncias e atmosferas opressoras. Como sugere a epígrafe retirada de *Medeia* – “Navegaste com ânimo impetuoso para longe da morada paterna. Transpondo os duplos rochedos do mar e, agora, habitas uma terra estranha” – a autora realizou uma imersão-mosaico em um turbulento oceano de descobertas e sensações, onde nem sempre tudo é esclarecido, mas intuído, nisso residindo a força estética de uma obra que deixa ao leitor a possibilidade de muitas leituras, pois o indizível ou desconhecido é a chave que nos abre às tantas e desafiadoras viagens à terra estranha, seja ela territorial ou literária, espiritual ou onírica, lá onde moram as Ítacas que nos lançam às longas e instigantes travesias.

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta, crítico literário, advogado, contista e ensaísta. Reside em Portugal.

Balada de Maria

Débora Novaes de Castro

Continua a tal Maria,
Maria que vive em mim;
ela sonha noite e dia,
sol, trabalho, lua enfim.

Continua essa Maria,
vive o tempo de condão;
gota a gota, dia a dia,
sonhos lindos que se vão.

Ao trabalho vai Maria,
vai cantando a moda bela;
canta a terra onde vivia,
versa sonhos, sonhos dela!

Volta à casa, então Maria,
modulando uma canção;
vai sonhando à revelia,
sonhos lindos que virão!

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP. www.deboranovaesdecastro.com.br

O livro E EU SEI FAZER VERSOS?
autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.



R\$ 35,00 com suplemento atualizado. Encomendar para lola@pratagarcia.com



A FACE DO DIA

Tanussi Cardoso

Abro a janela da manhã.
O Sol observa lá fora.
As coisas estão exatamente como ontem.
Eu e minha cama no mesmo lugar do tiro.
As palavras ruminam os silêncios a iludir.
A vida se equilibra entre catacumbas
e o resplendor de tudo.
Enquanto o Dia, vivo,
abre sua imensa mandíbula
para engolir o mundo.

Tanussi Cardoso é poeta, contista, crítico literário, compositor, letrista, tradutor e jornalista. Membro do Pen-Clube do Brasil, da União Brasileira de Escritores e da Associação Profissional de Poetas do Rio de Janeiro. Foi Presidente do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro.

Aguaceiro

Flora Figueiredo

Aproveito este janeiro umedecido
para conversar comigo.
Confidências sussurradas
escorrem pela via dos sentidos.
Algumas perdas, às vezes ganhos, às vezes mágoas.
Neste janeiro que chora compulsivo,
minha alma se espelha em poça d'água.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento* e *Florescência*.

E eu não sabia...

para Cláudio de Cápua

Carolina Ramos

Quem passa pela vida e desconhece
a força que o conduz na caminhada,
não pensa que o que pede em cada prece,
venha, talvez, na mão que lhe é ofertada.

Chegaste, amigo, a oferecer carinho
quando a angústia cruel me torturava.
Um a um, removeste cada espinho,
que o sadismo da vida me legava.

E a ti gioui-me o anseio de um afeto,
a amenizar a dor de uma agonia
que perturbava a paz de um pobre teto
que sacudido sobre mim ruía!

E chegaste trazendo essa ternura,
que acreditei de mim ninguém roubasse.
Embora a vida, noutra noite escura,
em pesadelo o sonho transformasse!

Uma vez mais... a morte, com desprante,
rouba de mim o amor... E, com espanto,
hoje abraço esta dor que me garante:
Que eu nem sabia... que te amava tanto!!!

Carolina Ramos é poeta, professora, musicista, escritora, trovadora e contista. Foi agraciada com a Medalha de Honra ao Mérito Brás Cubas da Câmara Municipal de Santos.

Literatura Lusófona

Gentes Em Seus Sítios Naturais

A coletânea PALAVRAS ESSENCIAIS, Volume 16 / 2022, é dedicada ao modernismo artístico lusófono tendo a SAM 1922 como eixo nos estudos de João Barcellos. Entretanto, vários textos celebram o sítio-raiz com referência em Manuel Reis, Aziz Ab'Sáber, Massimo Della Justina, Hanne Liffey, Francisco Igreja, J. C. Macedo, Maria Augusta de Castro e Souza, J. Santos Simões e etc., num esforço litero-histórico para não se esqueçam estudos e pessoas de grande importância para a lusofonia.

A coletânea PALAVRAS ESSENCIAIS, assim como a DEBATES PARALELOS (também com 16 Vls.), tem base nas instituições CENTRO DE ESTUDOS DO HUMANISMO CRÍTICO (Guimarães-Portugal) e do GRUPO DE DEBATES NOÉTICA (São Paulo / Brasil e América Latina), responsáveis pela edição de escritores no âmbito da filosofia, história e tecnologia, com a colaboração da editora EDICON. Vários grupos de estudos (Argentina, México, Brasil, USA, Alemanha, Irlanda, Uruguai e Chile) estão associados e permitem a circulação desta literatura alternativa. A coletânea PALAVRAS ESSENCIAIS, Volume 16 / 2022, foi uma ideia que João Barcellos aceitou como "...desafio para destrinchar o modernismo artístico buscando no luso-brasileiro Francisco Igreja o foco do regionalismo cultural e emparelhar aí estudos de Reis e Ab'Sáber e Della Justina, como 'nós' para um entendimento alargado desse regionalismo artístico e, por isso, a coletânea subordinou-se ao tema GENTES EM SEUS SÍTIOS NATURAIS".



TERRANOVA COMUNIC
[terranovacomunic@gmail.com]
Rosa Maria Malheiros | G. D. Noética + CEH

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



A vitalidade do encontro com as artes

Camilo Mota

“Sem a música a vida seria um erro”, postulava Nietzsche. E o filósofo ainda arremataria em outra passagem: “Temos a arte para não morrer da verdade”. Essas falas me vieram à mente durante algumas reflexões antes de participar de um sarau. Por que, afinal, estamos lendo romances, falando poesia, escrevendo, pensando e sentindo? E o que tanto mexe conosco quando nos envolvemos com a literatura e tantas outras expressões artísticas, seja o cinema, o teatro, a pintura? Eu diria que é a nossa propensão ao movimento, à transmutação, ao inconformismo. Daí o medo que muitos têm (principalmente os que buscam e se fixam no poder instituído: políticos, religiosos, entre tantos outros) de perder o controle, de delirar, de sair da formatação mais fácil que a razão nos aprisiona.

Sinto de maneira cada vez mais nítida que a literatura é um ser vivo, cada obra é uma expressão de uma origem (o artista, ou alguma outra força social que lhe constitui) e ao mesmo tempo um fluxo independente dela e que ganha contornos de afecção quando alcança outro ser em movimento (o leitor). Tanto o texto quanto quem o lê se transformam, e às vezes se transmutam, se redefinem, pois que ambos são forças de vida. Tudo o que é vivo tem a capacidade de se modificar nos encontros e criar novo devir, redirecionar forças, sabe-se lá em que direção.

Quando eu me relaciono com o meu cachorro, há sempre uma mudança em mim ou nele, de acordo com a maneira com que interagimos. Posso descobri-lo sempre diferente a cada dia, mesmo que repita alguns padrões. E eu mesmo posso ver os meus padrões que são duros ou flexíveis quando estou em relação. Do mesmo jeito é o caminho que se abre diante de um texto. Há uma captura que conecta o signo escrito a alguma partição do meu ser, seja o vivido, seja o por viver. Numa obra de arte, há sempre o inusitado, o espanto, o risco de pular num abismo, ser arrastado num ciclone, ou simplesmente boiar num manso lago de águas calmas. Mas isso tudo é muito bom quando nos permitimos

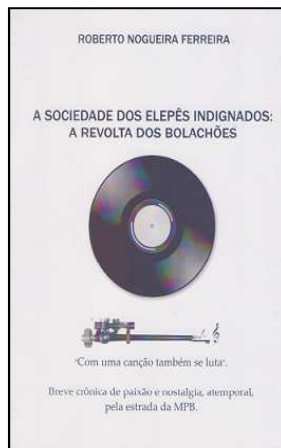
o envolvimento pelo viés estético e não apenas pelo senso crítico ou intelectual, que também é bom, mas tem um sabor diferente, menos intenso. Ler um livro intelectualmente é uma força intencional, direcionada, calculada, formatada. Serve-nos, claro, para percebermos as formas, algumas relações, sentidos, eixos, traços... Mas a leitura estética é intensiva, não precisa de descrições, explicações ou regras. Flui no sentido dos sentidos, das sensibilidades, das linhas que nos constituem, do afloramento daquilo que nos habita enquanto seres em movimento no tempo, e por isso tão transformadora, porque exige de nós um bom pedaço de vida. Porque há textos que nos mordem, nos arranham, e também lambem e acariciam. Essa literatura é um bicho. E bichos assustam muita gente.

A arte é, pois, esse convite à vida, ao sair do lugar e se movimentar, como um nômade que aprecia cada paisagem que vivencia. E que importância tem isso? Charles Baudelaire, num poema em prosa, responde: “Mas que importa o que pode ser a realidade dada fora de mim, se me fez viver, se me fez sentir o que sou e o que sou?”. E isso não tem nada de mágico ou transcendental. Está na raiz de todo encontro que possamos ter com as formas de vida. E a arte é uma forma de vida em constante movimento e nos toca e nos comove. E é desta comoção que extraímos também novas forças para o viver intensivo, pleno, esteticamente vivenciado, eticamente presente.

Toda essa fala é para dizer que estamos aqui diante do prazer, do gozo, daquilo que nos seduz. Experimentar arte, seja criando, seja consumindo, é uma resistência a toda forma de opressão, medo, cortes e censuras. O fazer artístico é, também, um caminho terapêutico, um processo que podemos deixar fluir, atravessando-nos e fazendo-nos atravessar, criando novas geografias, histórias, filosofias, matemáticas, todas as disciplinas dançando de mãos dadas no baile da vida.

Camilo Mota é editor do Jornal Poésis, membro da Academia Araruamense de Letras, terapeuta holístico e psicanalista.

Livros



A Sociedade dos Elepês Indignados: A Revolta dos Bolachões - breve crônica de paixão e nostalgia, atemporal, pela estrada da MPB -, de Roberto Nogueira Ferreira, Brasília (DF), 360 páginas ilustradas. As fotos são de Cristino Nunes.

ISBN: 978-65-994857-0-1.

O autor é escritor, consultor de empresas, vice-presidente da Associação Nacional de Escritores e membro da Academia de Ciências, Letras e Artes e da Academia de Letras do Brasil.

Segundo Paulo José Cunha, jornalista, professor e escritor, “Este *A Sociedade dos Elepês Indignados: A Revolta dos Bolachões*, de Roberto Nogueira Ferreira, é provavelmente uma das mais atrevidas e bem realizadas obras de resgate e organização das diversas composições musicais registradas nos elepês - os conhecidos ‘bolachões’ - que vêm guardando o panorama sonoro do país desde meados do século passado aos dias de hoje.”

Roberto Nogueira: roberto@rnconsultores.com.br

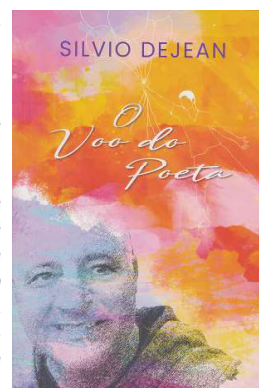
O Voo do Poeta, Silvio Dejean, Yesbooks Editora, 134 páginas, São Paulo. ISBN: 9786584553118.

O autor é escritor, poeta, professor, empresário e membro da Associação de Escritores de Bragança Paulista.

Segundo Lóla Prata, escritora, poeta, fundadora da Associação de Escritores de Bragança Paulista e fundadora da Seção de Bragança Paulista da União Brasileira de Trovadores, “Eis uma amostra do artífice Silvio Dejean decolando para o infinito da poesia neste primeiro livro solo. Elogios sinceros ditados por uma constatação da boa e comprovada técnica!”

Silvio Dejean: (11) 98431-3582

Yesbooks: www.yesbooks.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119

- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Rosani Abou Adal e Thiago de Mello

Thiago de Mello, escritor e poeta ribeirinho, faleceu no dia 14 de janeiro, em Manaus (AM). Nasceu em Barreirinha, no Amazonas, em 30 de março de 1926. Foi adido cultural na Bolívia e no Chile. Esteve preso durante a ditadura e se exilou no Chile, Argentina, Portugal, França e Alemanha. Foi agraciado com *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*, em 1975, com o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Autor dos livros de poemas *Faz Escuro, mas eu Canto: porque a manhã vai chegar*, *Os Estatutos do Homem*, *Vento Geral – Poesia*, *Num Campo de Margaridas*, *De uma Vez por Todas*, entre outras importantes obras. Em prosa publicou *A Estrela da Manhã*, *Arte e Ciência de Empinar Papagaio*, *Manaus*, *Amor e Memória*, *Amazonas*, *Pátria da Água*, *Amazônia – A Menina dos Olhos do Mundo*, *O Povo sabe o que Diz*, *Borges na Luz de Borges* e *Vamos Festejar de Novo*. Suas obras foram traduzidas em mais de trinta idiomas. Em 2006, quando completou 80 anos, foi lançado o CD *A Criação do Mundo* (pela Karmim), com poemas declamados por ele e musicados pelo seu irmão Gaudêncio.

O Painele Permanente de Poesia Juca Silva Neto da Biblioteca Municipal de Montes Claros apresenta, na primeira quinzena de fevereiro, a exposição da escritora, ceramista e escultora Felicidade Patrocínio. É graduada e pós-graduada em Filosofia e História da Arte e membro da Academia Feminina de Letras de Montes Claros, da Academia Montes-Clarense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros.

A Liberdade em Vermelho, livro de arte lançado pela Editora Cepe, apresenta textos de vários autores e fotos de diversas fases da pintora modernista pernambucana Tereza Costa Rêgo (1929-2020).

Notícias

Betty Milan, escritora e psicanalista, foi eleita para a Academia Paulista de Letras para a cadeira nº 4 que foi ocupada por Célio Debis. A posse está marcada para o dia 31 de março. Iniciou a carreira literária com o romance *O Sexophuro* (1981). Autora de *O papagaio e o doutor* (romance), *Baal* (romance), *Quando Paris cintila* (crônicas), entre outras importantes obras. Foi convidada de honra do Salão do Livro de Paris. Trabalhou para o Parlamento Internacional dos Escritores, em Estrasburgo.

A Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil lançou seu 8º anuário que abriga publicações literárias dos associados e um panorama das atividades realizadas no ano passado. https://issuu.com/aeilij/docs/2022_anuario_aeilij

Vanna Pirracini, fundadora da Livraria Leonardo da Vinci, faleceu no dia 9 de janeiro, aos 96 anos, em São Paulo. A Livraria Leonardo da Vinci foi fundada, em 1952, por Vanna e seu esposo Andrei Duchiad.

Nélida Capela lançou, pela Editora Telha, *É Apenas Agitação: A semana de 22 e a reação dos acadêmicos nas célebres entrevistas de Peregrino Júnior para O Jornal*. A obra apresenta um misto de reconstituição da cena literária, retrato de época e crítica cultural da autora para contextualizar cada resposta dos escritores.

Rastros e Riscos, livro de estreia da Coleção Delas, lançado pela Editora Ática, que apresenta a autobiografia de Ana Maria Machado para celebrar seus 80 anos de vida.

Gilberto Mendonça Teles lançou a edição ampliada de *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, pela Editora José Olympio, que também abriga novo prefácio escrito pelo autor. A obra reúne poemas, conferências e manifestos vanguardistas estrangeiros e nacionais publicados entre 1857 e 1972.

A 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, promovida pela Câmara Brasileira do Livro, será realizada de 2 a 10 de julho de 2022, no Expo Center Norte, Rua José Bernardo Pinto, 333, em São Paulo. www.bienaldolivros.com.br

Vilma Guimarães Rosa Reeves, filha de João Guimarães Rosa, faleceu no dia 30 de janeiro, no Rio de Janeiro (RJ). Nasceu em Itaguaí (MG) em 5 de Junho de 1931. Autora de *Por que não?* (Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras), *Mistérios do Existir* (Menção Honrosa do Prêmio Malba Tahan da Academia Carioca de Letras e da União Brasileira de Escritores), *Relembramentos: João Guimarães Rosa, Meu Pai* (Prêmios Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras e de Ensaio Biográfico do PEN Clube do Brasil).

Modernismos 1922-2022, livro editado pela Companhia das Letras, apresenta 29 ensaios inéditos sobre a Semana de 22 e seus desdobramentos. A obra, organizada por Gênese Andrade, abriga ensaios de José Miguel Wisnik, Lília Moritz Schwarcz, Walnice Nogueira Galvão e Regina Teixeira de Barros.

Alice Spindola, escritora e poeta, foi agraciada em dois terceiros lugares no concurso dedicado às cidades de Trani e Ouro Preto, na Itália.

O Festival Literário Internacional de Poços de Caldas/MG - Flipoços será o representante do Brasil e da América Latina no Festival de Literatura do Mundo 2022. O evento será realizado em Bergen, na Noruega.

O Sarau do Jornal Centro em Foco, coordenado por Carlos Moura, será realizado no dia 25 de fevereiro, sexta, no Restaurante Cama & Café SP, Rua Roberto Simonsen, 79, em São Paulo.

Mário de Andrade por ele mesmo, de Paulo Duarte, foi lançado pela Editora Todavia. A obra apresenta um retrato íntimo do modernista paulista por meio da sua correspondência com Paulo Duarte. <https://todavialivros.com.br/>

Neide Archanjo, poeta, advogada e psicóloga, faleceu no dia 14 de janeiro em São Paulo. Nasceu em São Paulo (SP), em 15 de setembro de 1940. Estreou na literatura com o livro de poemas *Primeiros Ofícios da Memória*. Foi agraciada com os prêmios Golfinho de Ouro e APCA. Autora de *Primeiros ofícios da memória*, *Epifanias*, *As marinhas*, *Pequeno oratório do poeta para o anjo*. O cd *Poesia falada* contou com a participação especial de Maria Bethânia.

A Editora UNESP lançou *O Tartufo - Dom Juan - O doente imaginário*, de Molière, com tradução de Jorge Coli; Memórias de um sargento de milícias de Manuel Antônio de Almeida; Histórias extraordinárias, de Edgar Allan Poe, com tradução de Fernando Santos.

O Sarau Bodega do Brasil retornará em novo local, com apoio cultural da Ação Educativa, no dia 12 de março, das 17 às 20 horas, no saguão da Sociologia e Política - Escola de Humanidades, Rua General Jardim, 522, em São Paulo.

Companhia das Letras lançou nova edição do romance *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, em comemoração aos 50 anos da publicação da obra, que apresenta texto de Jorge Amado e prefácio de Juva Batella.

A Associação Paulista de Críticos de Arte agraciou em Romance, *Diga que não me conhece*, de Flávio Cafiero; em Conto, *Erva brava*, de Paulliny Tort; em Poesia, *Risque esta palavra*, de Ana Martins Marques; em Biografia, *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*, de Ivan Marques; em Ensaio, *A vida nunca mais será a mesma*, de Adriana Negreiros; em Infantil, *O mar de Manu*, de Cidinha da Silva; e em tradução, *Cantos*, de Giacomo Leopardi, com tradução de Álvaro A. Antunes. O júri foi composto por Felipe Franco Munhoz, Ruan de Sousa Gabriel e Ubiratan Brasil.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

